

## O SUJEITO E A VERDADE EM O HOMEM DUPLICADO DE JOSÉ SARAMAGO

Karina Luiza de Freitas ASSUNÇÃO<sup>26</sup>

### RESUMO

O estudo que será apresentado tem como objetivo analisar a constituição da subjetividade do sujeito discursivo Tertuliano Máximo Afonso, personagem central do romance *O homem duplicado* (2008) de José Saramago e o funcionamento discursivo da verdade. Como fundamentação teórica pautaremos nos estudos de análise do discurso de linha francesa e nos estudos de Michel Foucault que tratam da constituição dos sujeitos e como as relações de poder/saber corroboram para a constituição de “verdades”. A partir desse aparato teórico podemos afirmar que os sujeitos são constituídos pela exterioridade e as verdades que os cercam são cambiantes e se repetem em muitos momentos históricos, entretanto, com sentidos díspares. Elas são tramas discursivas que apresentam sentidos que estão intrinsecamente relacionados com a história que permeia a produção do discurso. Os resultados apresentados apontam que Tertuliano assume outro lugar de verdade tendo em vista a historicidade que o permeia, ele não é mais o professor de história e sim o ator. Essa mudança em sua subjetividade vai se dando de forma lenta e gradual no decorrer da narrativa e culmina no momento em que Tertuliano atende o telefone e assume o papel de António Claro. Destacamos que as mudanças ocorridas na constituição de sua subjetividade e os sentidos emergidos são materializados através da língua, ou seja, ela é suporte para a produção discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: discurso; verdade; subjetividade; sujeito.

A linguagem escapa ao modo de ser do discurso \_\_ ou seja, à dinastia da representação \_\_ e o discurso literário se desenvolve a partir dele mesmo, formando uma rede em que cada ponto, distinto dos outros, a distância mesmo dos mais próximos, está situado em relação a todos em um espaço que ao mesmo tempo os abriga e os separa. A literatura [...] é a linguagem se colocando o mais longe possível dela mesma [...] uma dispersão do que um retorno dos signos sobre eles mesmos (FOUCAULT, 2001, p.221).

---

26 Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia-UFU e integrante do Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultiano - LEDIF/UFU. Endereço: Rua Paulo Martins Goulart, 734, Alto Boa Vista, Frutal- Minas Gerais, Brasil, karinalfa@gmail.com.

## Iniciando

Ao atentarmos para as “definições” apresentadas sobre como podemos compreender a literatura, deparamos com inúmeras, e observamos que algumas são divergentes, já outras se aproximam; mas, juntas, atestam a complexidade da literatura e revelam-na como um objeto caracterizado por indefinidos contornos. Dentre as definições a que tivemos acesso, destacamos os apontamentos arrolados por Michel Foucault em vários de seus textos, como o que mais nos desperta atenção, pela forma como correlaciona literatura e discurso. Elegemos uma delas como epígrafe para iniciar a presente tese, visto que Foucault nos mostra que compreender o discurso literário não é uma tarefa simples, uma vez que a linguagem empregada nele rompe com a linguagem utilizada no cotidiano, ganha a liberdade de seguir por caminhos transgressores, dispersos e infinitos. São discursos que conduzem o leitor para a vida, amores, morte, transformações dos sentidos, cenas do cotidiano ou acontecimentos históricos e podem, inclusive, questionar as verdades instituídas pela sociedade. Nas palavras de Deleuze (2007), a literatura está intimamente relacionada com a vida, não com a vida do escritor, uma vez que não parte de suas próprias lembranças, mas pelo motivo de que ele escreve fundamentado no devir<sup>27</sup>.

A literatura sempre se fez uma constante em nosso percurso acadêmico causando-nos inquietações profundas, assim, a presente proposta foi elaborada a partir da leitura do romance *O homem duplicado* (2008) de José Saramago, uma leitura extremamente prazerosa, mas que ao mesmo tempo chamou muito a nossa atenção, pois notamos no romance citado que a construção de uma dada “verdade” está relacionada com a posição adotada pelo sujeito discursivo Tertuliano Máximo Afonso frente às situações vivenciadas. Além disso, atentamos que no desenrolar da trama Tertuliano enfrenta muitas dificuldades que coadunam para a constituição de sua subjetividade, constituição essa que traz a tona os conflitos que regem a sociedade contemporânea e

---

27 Segundo Deleuze (2009, p.1), “*Alice assim como Do outro lado do espelhotratam de uma categoria de coisas muito especiais: os acontecimentos, os acontecimentos puros. Quando digo “Alice cresce”, quero dizer que ela se torna maior do que era. Mas por isso mesmo ela também se torna menor do que é agora. Sem dúvida, não é ao mesmo tempo que ela é maior e menor. Mas é ao mesmo tempo que ele se torna um e outro. Ela é maior agora e era menor antes. Mas é ao mesmo tempo, no mesmo lance, que nos tornamos maiores do que éramos e que nos fazemos menores do que nos tornamos. Tal é a simultaneidade de um devir cuja propriedade é furtar-se ao presente. Na medida em que se furta ao presente, o devir não suporta a separação nem a distinção do antes e do depois, do passado e do futuro. Pertence à essência do devir avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo: Alice não cresce sem ficar menor e inversamente. O bom senso é a afirmação de que, em todas as coisas, há um sentido determinável; mas o paradoxo é a afirmação dos dois sentidos ao mesmo tempo.”*

levam-nos a refletir acerca de “quem somos nós?”, bem como dos papéis que os sujeitos desempenham atualmente.

### **A verdade e o sujeito em Michel Foucault**

Concomitantemente a essas observações retomamos a leitura de alguns textos de Michel Foucault acerca do poder. Nesses textos, deparamos com questões não só sobre o poder, mas também sobre a “verdade”. De acordo com Foucault (2005, p.29), “somos submetidos à produção da verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção de verdade.” Assim, ao longo do nosso percurso de estudo observamos que a “verdade” é uma construção discursiva produzida a partir da historicidade que a permeia. Foucault, ao longo de seus textos, demonstra que a “verdade” é constituída a partir de um lugar legalmente instituído, como exemplo ele menciona a ciência, a economia, o poder político e outros. Ele interroga-se como articula os “jogos de verdades”, ou seja, as relações que possibilitam os sujeitos identificarem-se como o louco, o doente, o condenado etc. Essas relações chamadas por Foucault (2006) de “jogos de verdades” acarretam não a descoberta do verdadeiro ou do falso, mas as regras que possibilitaram o surgimento do mesmo.

Ora, creio que o problema não é de se fazer partilhar entre o que num discurso revela da cientificidade e da verdade e o que revelaria de outra coisa; mas de ver historicamente como se produzem efeitos de verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falso. (FOUCAULT, 1995, p.7)

Não temos uma “verdade” absoluta, mas uma construção que é perpassada pela historicidade que permeia sua produção.

A partir dessas leituras algumas questões começaram a inquietar-nos. Ressaltamos que são várias as questões que surgiram, entretanto, para o presente artigo, a partir do viés teórico da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), bem como das considerações foucaultianas sobre sujeito, discurso e verdade. Discutiremos alguns aspectos da constituição da subjetividade de Tertuliano Máximo Afonso, personagem central do romance *O homem duplicado* (2008) do escritor português José Saramago, e como a mesma coaduna para a construção discursiva de uma dada “verdade”.

O sujeito para a AD é compreendido a partir da exterioridade que o constitui, assim ele não é fonte absoluta de seus dizeres, pois traz marcas no interior discursivo que apontam para o que o constitui, ou seja, “trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um “eu” individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro” (FERNANDES, 2005, p.34).

Sendo o sujeito constituído por uma exterioridade, traremos a seguir algumas considerações tecidas por Michel Foucault, ao longo de suas pesquisas, que colocam em pauta a constituição do sujeito a partir de relações de poder/saber. Foucault (1995, p.231) em um artigo intitulado *O sujeito e o poder* menciona que seu objetivo “foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos.” De acordo com ele, seu trabalho lidou com três modos de transformação de seres humanos em sujeitos. O primeiro modo envolvia a constituição do sujeito “produtivo, do sujeito que trabalha, na análise das riquezas e na economia.” (FOUCAULT, 1995, p.231) Em um segundo momento Foucault estudou a constituição do sujeito a partir das relações com outros sujeitos, no caso “o louco e o são, o doente e o sadio, os criminosos e os ‘bons meninos’” (FOUCAULT, 1995, p.231). E, por último, pesquisou o modo como o sujeito se torna sujeito, ou seja, nesse estudo ele abordou como o sujeito se reconhece na sexualidade. As considerações provenientes dessas pesquisas ajudam a compreender a dinâmica que envolve o “quem somos nós?”, bem como a pensar outras questões. Vale ressaltar que em todos esses estudos Foucault trata do poder.

O poder sempre ocupou um lugar de destaque na reflexão sobre o sujeito, uma vez que esteve frequentemente presente nas atitudes dos homens de todos os tempos, apresentando características peculiares, mas nunca deixando de ser um território de conflitos, lutas e embates, não sendo uma coisa enrijecida e estável. O poder no discurso é sempre resultado de processos dinâmicos, incessantes e instáveis, o sentido nunca se fecha, esse é um princípio fundamental. Foucault (2006, p.10) pontua que:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo, é também, aquilo que o objeto do desejo; e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que

traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual não queremos apoderar.

Nesse mesmo estudo, Foucault (2006, p.89) esclarece que o poder não mantém nenhum contato com conceitos de estado, soberania, lei e dominação, para ele, o poder deve ser visto como uma relação de forças que se chocam e se embatem a todo o momento, criando “cadeias ou sistemas, ou ao contrário, as defasagens e contradições que isolam entre si”.

O poder para Foucault (1982, p.243) é “uma ação sobre outra ação possível”. Isso quer dizer que o poder não pode ser encontrado em uma substância, pois não o temos, exercemo-lo. Ele é efetivado somente entre sujeitos, não temos um poder localizado em um ponto específico na sociedade, o que encontramos é uma rede de mecanismos que envolvem todos os sujeitos, não havendo, assim, limites para a sua disseminação.

O que expusemos até o momento, bem como outras considerações elencadas por Foucault no decorrer de suas pesquisas acerca do poder, a instauração da psiquiatria, a história da sexualidade, a normalidade/anormalidade estão intimamente ligadas à constituição dos sujeitos. Sujeitos esses, que ao longo dos tempos, sofreram com as mudanças dos padrões que ocorreram na sociedade.

Somos constituídos por uma exterioridade que nos subjetiva. Sentimos a todo instante a necessidade de estarmos inseridos em uma sociedade e para que isso ocorra não medimos sacrifícios. Temos a necessidade de pertencer a um lugar, não importa que lugar seja esse, precisamos ser aceitos e nos sentirmos confortáveis perante os outros sujeitos. Neste momento, paramos e questionamo-nos: por que somos assim? O que nos torna sujeitos? São perguntas que já foram feitas por muitos pesquisadores, mas que ainda não obtiveram, e nem obterão, uma resposta definitiva. E o que é ser definitivo em uma sociedade que sofre movências a todo instante?

Existem algumas “verdades” que não são nossas, mas as aceitamos. Somos constituídos por relações de poder, como Foucault afirma, e sabemos tão pouco a respeito delas. Em *Microfísica do poder* (1995, p.179), o estudioso inicia o XII capítulo pontuando o que estudou de 1970 até aquele momento, em seguida faz a seguinte reflexão:

De que regras de direito as relações de poder lançam mão para produzir discursos de verdade? Em uma sociedade como a nossa, que tipo de poder é capaz de produzir discursos de verdade dotados de efeitos tão poderosos? Quero dizer que em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer

sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso.

A sociedade determina o que é normal ou anormal e nós aceitamos sem refletir se aquilo pode ser considerado uma “verdade” absoluta. É justamente esse aspecto que chamou nossa atenção no sujeito discursivo Tertuliano Máximo Afonso, pois ele no decorrer da trama constrói uma “verdade” que não é a absoluta, mas como veremos a seguir, a verdade é uma construção discursiva constituída pela historicidade que permeia a sua produção.

Ao atentarmos para a constituição do sujeito observamos que ela não é tranquila, pois é permeada por lutas e embates. Assim, conseqüentemente, o discurso também envolve aspectos peculiares em sua constituição e que devem ser analisados. Foucault (2007, p.55) assevera que: “certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.”

Foucault (2007) afirma que precisamos estar atentos ao discurso, pois ele é movente e disperso. O discurso pode ser removido, esquecido ou mesmo apagado. Ele ainda menciona o fato de que o discurso traz a tona elementos sociais e históricos. Assim, ao atentarmos para o discurso devemos levar em conta as condições sócio histórica que permearam sua produção. De acordo com Foucault (2007), o discurso não é algo simples de ser analisado, mas complexo e que deve ser considerado tendo em vista a seguinte observação que será considerada em nossa análise:

Eis a questão que a análise da língua coloca a propósito de qualquer fato do discurso: segundo que regras um enunciado foi construído e, conseqüentemente, segundo que regras outros enunciados semelhantes poderiam ser construídos? A descrição de acontecimentos do discurso coloca uma outra questão bem diferente: como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar? (FOUCAULT, 2007, p.30).

Concomitantemente as observações acima acerca do sujeito, poder e discurso Foucault teceu outras que também são pertinentes para o trabalho que propomos desenvolver que é acerca da “verdade”. Foucault buscou compreender a construção da “verdade” não só na ciência, mas também no espaço das práticas judiciárias e outros.

No livro *A verdade e as formas jurídicas* (1999), Foucault inicia o primeiro capítulo com as seguintes considerações:

Meu objetivo será mostrar-lhes como as práticas sociais podem chegar a engendrar domínios de saber que não somente fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, mas também fazem nascer formas totalmente novas de sujeitos e de sujeitos do conhecimento. O próprio sujeito do conhecimento tem uma história, a verdade tem sua história (FOUCAULT, 1999, p.8).

Essas considerações chamam a atenção para o fato de que o objetivo de Michel Foucault, ao longo de suas pesquisas, foi de problematizar a constituição dos objetos, bem como dos sujeitos. Essa constituição se dá por intermédio dos saberes e poderes que produzem a todo instante sujeitos diferentes. Nessas condições, a construção discursiva da “verdade” apresentará uma história.

Afirmamos que a “verdade” é uma construção discursiva, pois ela não pode ser encontrada no sujeito, mas no discurso emergindo da historicidade que permeia a produção do mesmo. Dessa forma a “verdade” para Foucault (2006a, p.302):

é o posicionamento de uma verdade que, justamente, não estaria em toda a parte e em todo o tempo nos esperando, a nós, que seríamos encarregados de espreitá-las e apreendê-las onde quer que ela esteja. Seria o posicionamento de uma verdade dispersa, descontínua, interrompida, que só falaria ou que só produziria de tempo em tempo, onde bem entender, em certos lugares; uma verdade que não se produz em toda a parte o tempo todo, nem para todo mundo; uma verdade que não espera, porque é uma verdade que tem seus instantes favoráveis, seus lugares propícios, seus agentes e seus portadores privilegiados.

Foucault, ao longo de suas pesquisas, não procurou vislumbrar o que tinha de verdadeiro ou falso no discurso da psiquiatria, ou do poder judiciário e outros, ele buscou estudar o que permeava historicamente esses discursos. Ele mapeou as entrelinhas desses discursos com o objetivo de descobrir as relações de poder e saber que permeava a constituição dos mesmos e, conseqüentemente, dos sujeitos que estavam envolvidos. Como exemplo mencionaremos algumas considerações de Foucault (2009) tecidas sobre a loucura. Ele assevera que a loucura surgiu a partir da necessidade de explicar algumas diferenças encontradas em alguns sujeitos, ou seja, uma explicação para o fato de não serem “normais”. O discurso psiquiátrico, de acordo com Foucault (2009), tem autorização de “classificar” os sujeitos como “normais” ou “anormais” e essa “classificação” ocorria obedecendo a determinadas regras histórica.

Dessa forma é fácil encontrar anormalidades em determinados momentos que passam a não ser em outros. Foucault (2006a, p.304) afirma que: “Essa verdade com sua geografia, seus calendários, seus mensageiros ou seus operadores privilegiados, essa verdade não é universal. O que não quer dizer que é uma verdade rara, mas sim uma verdade dispersa, uma verdade que se produz como um acontecimento.”

As considerações acima servem não só para a psiquiatria, mas também para outras áreas, como por exemplo, as leis, os hábitos dos sujeitos e outros. Enfim, ao atentarmos para a nossa volta observaremos que tudo que nos cerca está em constante mudança. Assim, algumas “verdades” que consideramos como “verdadeiras” passam a não ser mais como acreditávamos, ou seja, os sujeitos são constituídos pelas movências.

### **Tertuliano e a verdade: rios turvos de margens indefinidas**

O sujeito discursivo Tertuliano Máximo Afonso personagem central do romance saramaguiano *O homem duplicado* (2008) é um bom exemplo para a afirmação foucaultiana de que os sujeitos sofrem transformações na constituição de suas subjetividades, bem como o fato da construção discursiva da “verdade” sofrer modificações ao longo dos tempos. Tertuliano é um professor de história que, após assistir um filme no qual depara com um ator que tem as mesmas características físicas que as suas, passa por uma profunda transformação. Ele deixa de apresentar uma “estabilidade” para apresentar uma série de sintomas que atestam uma profunda modificação em sua subjetividade. Essa afirmação pode ser exemplificada através da seguinte passagem do romance:

Correu-lhe pela espinha uma rápida sensação de medo e pensou que há coisas que é preferível deixa-las como estão a ser como são, porque caso contrário há o perigo de que os outros percebam, e, o que seria pior, que percebamos também nós pelos olhos deles, esse oculto desvio que nos torceu a todos ao nascer e que espera, mordendo as unhas da impaciência, o dia em que passou mostrou-se e anunciar-se, Aqui estou. O peso excessivo de tão profunda cogitação, ainda por cima centrada na possibilidade da existência de duplos absolutos, mais intuída, porém, em lampejos fugazes que verbalmente elaborada, fez descair-lhe devagar a, e o sono, um sono que, pelos seus meios próprios, iria prosseguir o labor mental até esse momento executado pela

vigília, tomou conta do corpo fadigado e ajudou a aconchegar-se nas almofadas do sofá (SARAMAGO, 2008, p.24).

Após assistir o filme Tertuliano fica muito incomodado com a semelhança existente entre ele e o ator, passa a sofrer uma inquietação constante que o leva a tomar atitudes com o objetivo de saná-las. Entretanto, não haverá solução para a sua confusão mental, pois ao atentarmos para a historicidade que permeia a produção dessa narrativa notaremos que o momento é propício para a produção de subjetividades que perdem a individualidade e estabilidade, passando a “representar” a coletividade que é responsável por estabelecer padrões e condutas. A transformação operada na subjetividade de Tertuliano, bem como todas as suas atitudes tomadas no decorrer da trama chamaram nossa atenção, tendo em vista as considerações apresentadas a seguir:

Seria interessante tentar ver como se dá, através da história, a constituição de um sujeito que não é dado definitivamente, que não é aquilo a partir do que a verdade se dá na história, e que a cada instante fundado e refundado pela história. É na direção desta crítica radical do sujeito humano pela história que devemos nos dirigir (FOUCAULT, 1999, p.10).

A constituição da subjetividade de Tertuliano coaduna com as considerações foucaultianas mencionada na citação acima, pois ele desde o início da narrativa digamos, antes mesmo de tomar conhecimento acerca do ator António Claro, já enfrentava dificuldades. Como veremos no fragmento a seguir, vale ressaltar que elas também fazem parte da constituição dos sujeitos na contemporaneidade.

Na verdade, Tertuliano Máximo Afonso anda muito necessitado de estímulos que o distraiam, vive só e aborrece-se, ou, para falar com exactidão clínica que a actualidade requer, rendeu-se à temporal fraqueza de ânimo ordinariamente conhecida por depressão (SARAMAGO, 2008, p.7).

Deparamos com esse fragmento na primeira página do romance e ele faz menção às dificuldades enfrentadas por Tertuliano, no caso a depressão. Como já mencionamos anteriormente, a constituição das subjetividades articula-se por meio da exterioridade, ou seja, o sujeito tem a ilusão de ser a fonte absoluta de seus dizeres, entretanto vale ressaltar que o sujeito não é a origem absoluta de seu discurso. Em seu discurso encontraremos marcas que aponta para a historicidade que permeia a sua produção. Retomamos essas considerações com o objetivo de introduzir algumas considerações de Bauman (2005) que ajudam a compreender a dinâmica que perpassa a constituição da subjetividade de Tertuliano. Ressaltamos que Bauman (2005) aborda questões sobre a construção identitária dos sujeitos, conseqüentemente, discute questões sobre a

fragmentação, diluição e a instabilidade da mesma. Sendo assim, ela permite reavaliar a noção de sujeito discursivo para a AD, uma vez que possibilita olharmos mais atentamente para os processos que envolvem a constituição das subjetividades operacionalizada pela exterioridade. Enfim, “os estudos culturais atestam a pluralidade, a fragmentação e a mutabilidade da identidade, e possibilitam pensá-las como integrante das relações discursivas, uma identidade de natureza discursiva” (FERNANDES e JÚNIOR, 2009, p.106).

Bauman (2005) assevera que atualmente os sujeitos estão enfrentando uma gama de dificuldades que são provenientes da transformação operada na sociedade pós-moderna. Sentimentos e emoções contraditórios, efemeridade nas relações, substituição rápida dos objetivos pessoais, solidão, medo e outros tomam conta dos sujeitos e tudo isso faz com que sintam cada vez mais desprotegidos e sem uma direção que os encaminhem para uma “estabilidade”, ou seja, para uma situação segura. Bauman (2005) chama a atenção para as “comunidades guarda-roupa”, pois segundo ele, os sujeitos saem de uma situação para a outra, assim como trocam de roupas. Essa transitoriedade não é positiva, pois

O que todos nós parecemos temer, quer estejamos ou não sofrendo de “depressão dependente”, seja à luz do dia ou assombrados por alucinações noturnas, é o abandono, a exclusão, ser rejeitado, ser banido, ser repudiado, descartado, despido daquilo que se é, não ter permissão de ser o que se deseja ser. Temos medo de nos deixarem sozinhos, indefesos e infelizes. Tememos que nos neguem companhia, corações amorosos, mãos amigas. Receamos ser atirados ao depósito de sucata. O que mais nos faz falta é a certeza de que isso não vai acontecer \_\_ não conosco. Sentimos falta da garantia de exclusão da ameaça universal e ubíqua da exclusão (BAUMAN, 2005, p.100).

Notamos que a constituição das subjetividades na contemporaneidade são fragmentados e diluídas. Tertuliano, como foi mencionado no fragmento acima, não está diferente dos demais sujeitos, ele enfrenta as mesmas dificuldades, pois assim como todos os outros sujeitos é constituído pela exterioridade. O personagem central do romance *O homem duplicado* (2008) não só no fragmento acima, mas em muitos outros ao longo da narrativa sofre as mesmas dificuldades apresentadas por Bauman (2005) no fragmento citado.

As mudanças na constituição da subjetividade de Tertuliano são substanciais e refletem em várias situações de sua existência. Ele passa, em alguns momentos da

narrativa, a tecer comentários sobre a constituição da “verdade”. O fragmento abaixo traz uma dessas situações:

Reforça-lhe a conveniência de não sair de casa o facto de ter trazido trabalho da escola, os últimos exercícios dos seus alunos, que deverá ler com muita atenção e corrigir sempre que atentem perigosamente contra as verdades ensinadas ou se permitam excessivas liberdades de interpretação (SARAMAGO, 2008, p.13).

Nesse fragmento Tertuliano está em casa e tem que corrigir os trabalhos de seus alunos. O enunciado “verdades ensinadas” chamou muito a nossa atenção, pois a partir dele podemos construir uma reflexão acerca da construção discursiva da “verdade”. Como mencionamos anteriormente, os sujeitos são constituídos enquanto sujeitos por relações de poder/saber que coadunam na produção discursiva de “verdades”. Tertuliano é um professor de história que tem como função transmitir aos seus alunos o relato de acontecimentos históricos e os mesmos deve ser relatado obedecendo os fatos reais. Ao depararmos com o enunciado acima e o enunciado “permitam excessivas liberdades de interpretação” nossa atenção é aguçada para o aspecto de que uma dada “verdade” pode ser construída e que a sua interpretação também e que as mesmas obedecem a determinadas regras de produção.

Tertuliano é um professor que ensina “verdades” históricas e ele as ensina esperando como resultado uma determinada interpretação de seus alunos. Essas “verdades” ensinadas por Tertuliano podem não ser as “verdades” dos acontecimentos, entretanto, ele tem o poder/saber sobre elas e ele pode também dizer se o que os alunos entenderam está “correto”. Observamos que Tertuliano não apresenta este senso crítico, ele tem consciência dos problemas que cercam as grandes “verdades” ensinadas, no entanto, ele não as questiona. Como exemplo citamos o fragmento abaixo:

[...] A História que Tertuliano Máximo Afonso ensina, ele mesmo o reconhece e não se importará de confessar se lho perguntarem, tem uma enorme quantidade de rabos de fora, alguns ainda remexendo, outros já reduzidos a uma pele encarquilhada com uma carreirinha de vértebras soltas dentro (SARAMAGO, 2008, p.13).

Tertuliano sabe das dificuldades enfrentadas no ensino da disciplina de história, bem como com as “verdades” que ensina para seus alunos, no entanto, não assume um posicionamento perante suas observações. No próximo fragmento a dúvida que perpassa sua constituição enquanto professor de história e sujeito, reflexo da exterioridade que o subjetiva, fica mais clara.

Quando chegou sua vez de falar, num tom indolente e monocórdico que os presentes estranharam, limitou-se a repetir uma ideia que ali deixara já de ser novidade e que era motivo invariável de alguns risinhos complacentes do plenário e de mal disfarçada contrariedade do diretor, Em minha opinião, disse ele, a única opção importante, a única decisão séria que será necessário tomar no que respeita ao conhecimento da História, é se deveremos ensiná-la de trás para diante ou, segundo a minha opinião, de diante para trás, todo o mais, não sendo despidendo, está condicionado pela escolha que se fizer, toda a gente sabe que assim é, mas continua a fazer-se de conta que não (SARAMAGO, 2008, p.41).

Tertuliano percebe que existe um problema no ensino de sua disciplina, mas não sabe o que fazer. Tertuliano profissional, como pessoal enfrenta dificuldades, não sabe o que fazer com sua existência. A descoberta de António Claro, o ator que fisicamente igual a Tertuliano, está fazendo com que sofra uma mudança substancial em sua constituição. Tertuliano não apresenta mais o referencial de “individualidade” que era constitutivo de sua subjetividade antes da descoberta. Essa mudança emerge não só no lado pessoal, mas também profissional. Assim, ele passa a questionar as “grandes verdades” como veremos a seguir:

Sim, mas a mim o que sobretudo me atrai é a fascinante declaração de que as grandes verdades não passam de trivialidades, o resto, a suposta necessidade de uma expressão nova e paradoxal que lhes prolongue a existência e as substantive, já não me diz respeito, sou apenas um professor de História do ensino secundário (SARAMAGO, 2008, p.71).

As “grandes verdades” não existem para Tertuliano, assim como ele também não existe. O professor de história acreditava que era único enquanto sujeito, mas não é mais, e isso é muito constrangedor para ele emotivo de acentuadas mudanças em sua existência, principalmente, em sua subjetividade. Em outro momento ele afirma que “Grandes verdades, grandes mentiras, suponho que com o tempo tudo vai se tornando trivial, os pratos do costume com o tempero de sempre” (SARAMAGO, 2008, p.73).

Tertuliano sofre muito ao longo da trama, entretanto, vale ressaltar como mencionamos acima que essa é uma característica da sociedade contemporânea. Ele descobre que não é único e essa descoberta faz com que busca incessantemente a identidade de seu “sócia”. Tertuliano descobre a identidade, estabelece contato com o ator, mas infelizmente o desfecho da narrativa não é o esperado por Tertuliano. António Claro se passa por Tertuliano juntamente com Maria da Paz a namorada de Tertuliano e no meio de uma discussão, sobre quem era aquele Tertuliano, eles sofrem

um acidente e morrem. Para poder continuar existindo Tertuliano não tem outra opção que não assumir o papel de António Claro. No próximo fragmento ele já está na casa do ator e no papel de António Claro. “O telefone tocou. Sem pensar que poderia ser algum dos seus novos pais ou irmãos, Tertuliano Máximo Afonso levantou o auscultador e disse, Estou” (SARAMAGO, 2008, p.283).

### **Considerações finais**

O presente artigo possibilitou atentarmos não só para a verdade que atravessa a constituição do sujeito discursivo Tertuliano, mas também para outras verdades que circulam na sociedade e os seus sentidos, uma vez que elas também são construções discursivas. Dessa forma, devemos observar os discursos que constituem na constituição dos sujeitos, uma vez que muitas verdades que os cruzam são construções elaboradas com objetivos pré-estabelecidos, ou seja, são verdades relacionadas a determinados posicionamentos de sujeitos, para os quais elas produzem sentidos e os constituem.

Observamos que os sujeitos atualmente, por ser constituídos pela exterioridade, sofrem movência e deslocamentos, que são constituídas por lutas e embates. Dessa forma, podemos afirmar que o discurso de Tertuliano, assim como o do louco mencionado por Foucault, é interditado, não podendo mais ser veiculado. Essa interdição não é constituída de forma abrupta, mas lentamente, através de uma mudança em sua subjetividade que caminha para a morte discursiva de Tertuliano e o nascimento discursivo de António Claro.

O sujeito discursivo Tertuliano passa a viver uma “verdade” que não é a dele e ela se concretiza através do discurso. Isso quer dizer que ele deixa de ser quem é para ser o ator, essa mudança vai se dando de forma lenta e gradual no decorrer da narrativa e culmina no momento em que ele atende o telefone e assume o papel de António Claro.

Sendo assim, a partir das observações tecidas acerca da subjetividade de Tertuliano, bem como da construção discursiva da “verdade”, que é construída a partir de um jogo de regras condicionadas a historicidade que permeia a sua produção, podemos afirmar que o estudo apresentado auxilia no entendimento da nossa própria constituição, pois, assim como Tertuliano, passamos por um momento no qual os sujeitos são fundados pelo descontrole emocional, no qual sentimentos que apontam para a fugacidade da

existência, a escassez do tempo, a solidão, a ansiedade e outros demonstram a fragilidade das subjetividades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bauman, Z. *Identidade: entrevistas a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

\_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Fernandes, C, A. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

Foucault, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1995.

\_\_\_\_\_. *O sujeito e o poder*. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. Michel Foucault Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995a, p.231-249.

\_\_\_\_\_. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. *Linguagem e literatura*. In: MACHADO, R. Foucault, a filosofia e a literatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Poderes e Estratégias*. In: MOTTA, M. B. (Org.). Michel Foucault. Estratégia, Poder-Saber. (Ditos & Escritos II). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 241-252.

\_\_\_\_\_. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

\_\_\_\_\_. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. *O poder psiquiátrico*. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade 1 – A vontade de saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007a.

Saramago, J. *O homem duplicado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.